



Revista Letras

Nº105 -jan./jun. 2022

<http://revistas.ufpr.br/letras>

Editor: Maria Cristina Figueiredo Silva

Projeto Gráfico: Yuri Kulisky

Organizadores do dossiê temático

Seção 1: Diálogos Internacionais Sobre a Formação Inicial e Continuada de Professores de Línguas: Sweder Souza e Maria Helena Araújo e Sá

Seção 2: Seminário de Estudos em Análise do Discurso: Luta de Classes, Gênero e Raça:

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia e Vanise Gomes Medeiros

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lígia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobaro Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESPARaraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUCRIO), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUCRIO), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

Lista dos pareceristas ad hoc

Altair Pivovar, Ana Catarina Mateus Monteiro, Bruna Moura, Caroline Schneiders, Ceres Carneiro, Cristine Severo, Elaine Daróz, Élcio Fragoso, Evandra Grigoletto, Ezra Nhampoca, Helson Flavio da Silva Sobrinho, Jacob Biziak, Lucas Martins Flores, Maria Cleci Venturini, Maria do Socorro Aguiar Cavalcante, Maria Helena Araújo e Sá, Mirielly Ferraça, Nadia Régia Maffi Neckel, Rosyane Pimenta Natal, Solange Mittmann, Suzy Lagazzi, Sweder Souza, Thaís da Costa, Verli Petri.

SUMÁRIO

04 APRESENTAÇÃO

SEÇÃO 1: DIÁLOGOS INTERNACIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUAS

Sweder Souza

Maria Helena Araújo e Sá

10 FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE: A LITERATURA COMO MEDIADORA INTERCULTURAL

Ana Catarina Monteiro

29 POLÍTICAS LINGUÍSTICAS EDUCACIONAIS EM CONTEXTOS MULTILINGUES AFRICANOS

Cristine Severo

Ezra Nhampoca

45 REFLEXÕES ACERCA DA PROMOÇÃO DE UMA DIDÁTICA DO PLURILINGUISMO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

Sweder Souza

Maria Helena Araújo e Sá

66 A FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DE PROFESSORES DE LÍNGUAS NO BRASIL: UM COTEJAMENTO ENTRE AS RESOLUÇÕES CNE/CP 02/2015 E 02/2019

Fernanda Silva Veloso

Altair Pivovar

SEÇÃO 2: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO:

LUTA DE CLASSES, GÊNERO E RAÇA

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia

Vanise Gomes Medeiros

86 FOI PALMARES MESMO QUE VOCÊ DISSE?

Glória França

Mariana Cestari

Rogério Modesto

109 FRAGMENTOS DE DISCURSOS DE UM COTIDIANO RACIALIZADO: RESSONÂNCIAS DE MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO

Vanise Medeiros

André Cavalcante

- 127 PRESENÇA NEGRA NO SUL DO BRASIL: AS SUTURAS NA
MATERIALIZAÇÃO DA MEMÓRIA
Gesualda Rasia
- 140 O COLORISMO EM ALICE WALKER E A CONSTRUÇÃO
INTERSECCIONAL DE FEMINILIDADES NEGRAS
Larissa Fontana
- 162 FUNCIONAMENTO DO IMAGINÁRIO DE GUERRA EM SHINGEKI NO
KYOJIN: IMPLICAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
Francisca Mônica Santos
- 180 LGBTQQICAPF2K+ ENTRE A TRANSPARÊNCIA E A OPACIDADE: AS
RESTRITIVAS NA DETERMINAÇÃO DAS IDENTIDADES
Ezequiel Pires
Bruna Moura
- 197 O PROCESSO DE MANUALIZAÇÃO DO SABER LINGUÍSTICO EM UM
MANUAL DE LINGUAGEM INCLUSIVA INSTITUCIONAL: UMA ANÁLISE
DISCURSIVA
Camila Machado Cruz
- 209 O LUGAR DA ARTE NA TRANSFORMAÇÃO DA HUMANIDADE
Alexandre Souza Cavalcante
Belmira da Costa Magalhães
- 230 LUTA DE CLASSES, CRISE SANITÁRIA E DIGNIDADE HUMANA: UMA
ANÁLISE DISCURSIVA DA DESIGUALDADE SOCIAL ESTRUTURAL
MATERIALIZADA EM DISCURSOS ACERCA DA COVID-19
Naiara Souza da Silva
Mariana Jantsch de Souza
- 247 A METÁFORA CONTRA A METÁFORA: MATERIALIDADES DA
COMEMORAÇÃO DE DIREITO
Iago Moura



Este Dossiê Temático da Revista Letras se propõe a divulgar alguns dos trabalhos apresentados em dois Eventos ocorridos no ano de 2021, resultado de um processo de Insterinstitucionalização e de Internacionalização, pensado a partir de trocas, de articulação e de divulgação de saberes acadêmicos entre o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPR e das parcerias com outras Instituições de Ensino Superiores do Brasil e do Exterior.

Os seguintes eventos compõem este Dossiê: *Diálogos Internacionais Sobre a Formação Inicial e Continuada de Professores de Línguas – Pensando a (trans)Formação inicial e Continuada de Professores de Língua Portuguesa numa Perspectiva Plurilíngue e Intercultural: diálogos entre Brasil, Moçambique e Portugal*, ocorrido nos dias 09 e 10 de agosto de 2021 e o *X Seminário de Estudos em Análise do Discurso: entre memória e atualidade – X SEAD*, ocorrido entre os dias 03 e 22 de outubro de 2021.

O primeiro Evento resultou de uma parceria entre o PPG-Letras/UFPR e o CIDTFF/UAveiro, representado por Sweder Souza (UFPR) e Maria Helena Araújo e Sá (UAveiro).

Já o X SEAD, atualmente sediado na UFPE - Recife, é um evento que conta com a participação de analistas do discurso de todo o Brasil, e na composição deste Dossiê constam trabalhos apresentados no Simpósio e na Sessão Coordenada “Luta de Classes, Gênero e Raça.” A publicação conta com a organização das professoras e pesquisadoras Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia (UFPR) e Vanise Gomes Medeiros (UFF).

Dando início com a primeira Seção deste Dossiê, “Formação de Professores de Língua Portuguesa em Moçambique: a Literatura como mediadora Intercultural”, de Ana Catarina Mateus Monteiro, foi desenvolvido no contexto multilíngue e multicultural moçambicano, centrando-se na promoção da competência intercultural com a mediação da literatura em língua portuguesa, articulado em torno de três eixos estruturais: a educação intercultural, a literatura como instrumento de mediação e as imagens das línguas e dos povos, procurando, assim, contribuir para a integração desses princípios no âmbito da formação de professores.

“Políticas Linguísticas Educacionais em Contextos Multilíngues Africanos”, de Cristine Severo e Ezra Nhampoca, discorre sobre o papel e a importância de Políticas Linguísticas Educacionais críticas para fomentar práticas multilíngues que operem a favor da justiça social no contexto educacional africano, de forma geral, e moçambicano, de forma específica, apresentando uma compreensão alargada, crítica e contextualizada de multilinguismo como condição para o exercício da “cidadania linguística”, em atenção à importância de um olhar situado para as práticas e ideologias linguísticas dos sujeitos.

Na sequência, “Reflexões acerca da Promoção de uma Didática do Plurilinguismo no Ensino-Aprendizagem de Línguas”, de Sweder Souza e Maria Helena Araújo e Sá, tem como objetivo apresentar uma vertente teórica que faz parte do desenvolvimento de uma Tese de Doutorado intitulada: “A Didática do Plurilinguismo na (trans)Formação Continuada de Professores de Língua Portuguesa no Ensino Público Brasileiro: uma proposta de pesquisa-ação-formação”, fazendo a contextualização da pesquisa, abordando a Didática do Plurilinguismo, bem como os pressupostos das Abordagens Plurais no ensino-aprendizagem de línguas.

E, para finalizar a primeira Seção: “A Formação Inicial e Continuada de Professores de Línguas no Brasil: um cotejamento entre as Resoluções CNE/CP 02/2015 e 02/2019”, de Fernanda Silva Veloso e Altair Pivovar, tem por finalidade fazer uma breve apresentação do estado da arte da formação de professores no Brasil. O texto parte de breve histórico das Licenciaturas no Brasil para embasar um cotejo entre as Resoluções CNE/CP 02/2015 e 02/2019 (e no bojo desta, a Resolução CNE/CP nº 01/2020, que institui a Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica). Amparado nas considerações da ANPAE, da ANPED e do CEALI-UFPR, o artigo destaca alguns pontos divergentes nos documentos mais recentes (2019 e 2020), que estariam representando um retrocesso em relação ao documento de 2015.

Na continuidade deste Dossiê, a apreciação da segunda Seção se inicia com o texto: “Foi Palmares mesmo que você disse?” A pergunta-título do artigo de Rogério Modesto, Mariana Cestari e Glória França faz emergir a presença de um “ruído” no ser-estar da Fundação Palmares na atual conjuntura brasileira. Ruído este que os autores muito bem trabalham como resultado do embaralhamento dos lugares enunciativos, o que possibilita a deslinearização de um a-mais por entre os não-ditos. “A-mais” que reporta à práticas discursivas da extrema direita, com reprodução do discurso dominante do racismo e que move os autores a colocarem em tela a tensão inerente às relações entre “negros” e “brasileiros”. E, no limite, a fazerem eco ao poeta José Carlos Limeira: “Se Palmares não vive mais faremos Palmares de novo”.

Vanise Medeiros e André Cavalcante, por meio do artigo “Fragmentos de discursos de um cotidiano racializado: ressonâncias de memórias da plantação”, possibilitam que reflitamos acerca da obra “Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano”, da escritora portuguesa Grada Kilomba. O olhar discursivo dos autores do artigo mostra como Kilomba adentra o polêmico campo da marcação não-binária de gênero e toma partido por uma língua não asséptica, nada indiferente à luta de classes, interseccionada por questões de gênero e de raça. Aponta também para o funcionamento da linguagem inclusiva, na obra literária, como carne que resiste à violência. Entrelaçada a essa questão, uma outra é trazida pelos autores, o funcionamento do glossário que retira palavras do efeito de evidência e devolve-as à opacidade, ao renomeá-las.

Memória suturada é uma importante noção formulada por Gesualda Rasia, a partir de Règine Robin, para compreender a inscrição da memória da escravização negra no Brasil. Em seu denso artigo, “Presença negra no sul do Brasil: as suturas na materialização da memória”, a autora se debruça sobre o depoimento de sujeito ex-escravizado e sobre um verbete da Enciclopédia Negra. Do relato, somos levados a uma escuta analítica atenta às vozes remanescentes de escravizados que entrecruza passado e atualidade; com a leitura aguçada do verbete, adentramos um arquivo, que, como assinala a autora, não tampona imprecisões produzidas sobre os sujeitos sem-arquivos da escravidão.

As reflexões sobre racialização incorporam, com o artigo “O colorismo em Alice Walker e a construção interseccional de feminilidades negras”, de Larissa Fontana, importantes considerações sobre gênero e sexualidade. Ao articular uma comparação entre discursos sobre colorismo nos EUA e no Brasil, a autora percorre, em seu gesto de análise, representações imagéticas que trabalham feminilidades e masculinidades, iluminando o funcionamento e as implicações do racismo por denegação no Brasil e da ideologia do branqueamento.

Ler um mangá a fim de compreender, no imaginário de guerra que nele se articula, as implicações raciais projetadas é o propósito que sustenta o artigo “Funcionamento do imaginário de guerra em Shingeki no Kyojin: implicações étnico-raciais” por Francisca Mônica Santos. Aqui não se trata de um racismo decorrente de cor de pele, como a autora nos fala, mas de um racismo étnico, presente na tessitura, tanto imagética quanto languageira, dos quadrinhos, que recupera uma memória da segunda guerra e sustenta um imaginário em que questões de racialidade operam gestos excludentes na sociedade.

É a complexidade de cada letra na sigla LGBTQQICAPF2K, em suas designações e em seus efeitos, o foco do artigo “LGBTQQICAPF2K+ entre a transparência e a opacidade: as restritivas na determinação das identidades” de Ezequiel Pires e Bruna Moura. Tomando para análise uma matéria publicada

na revista Alternativa L, Pires e Moura mostram o funcionamento das restritivas nas designações que vão se inscrevendo a cada letra incorporada. São reescrituras que acenam para o que se pode ou não dizer acerca de gênero e sexualidade no gesto incansável de iluminar diferenças na sociedade.

No artigo “O processo de manualização do saber linguístico em um manual de linguagem inclusiva institucional: uma análise discursiva”, de Camila Machado Cruz, o foco, como o título indica, reside no processo de manualização, no caso, de um manual de linguagem inclusiva em circulação atualmente no espaço digital, a saber, “Manual de Linguagem Inclusiva para Editais de Concurso Público (Seleção Pública) do IFAL”. Aqui se encontra uma reflexão sobre o dizer em um material que se volta sobre questões relativas ao gênero e raça.

A arte como prática de resistência é o fio que conduz a escrita do artigo “O lugar da arte na transformação da humanidade”, de Alexandre Souza Cavalcante e Belmira da Costa Magalhães. O leitor é chamado ao debate em torno de repercussões políticas geradas pelo doc-ficção Afronte (2017), dirigido por Bruno Victor e Marcus Azevedo, e vetado pela atual presidência da república. Por meio da des-linearização de enunciados produzidos pelo presidente sobre o documentário, os autores trabalham o processo discursivo no qual funciona a censura e a tentativa de controle de sentidos sobre a arte. Ao mostrar a realidade vivida por negros homossexuais no Distrito Federal, a obra artística passa a ser questionada enquanto arte, justamente porque aponta para as contradições de nossa formação social.

A pandemia do COVID-19 materializou, entre outros aspectos, a divisão de classes sociais, sobretudo em países periféricos. No Brasil, não poderia ser diferente, é o que mostra o artigo de autoria de Naiara Souza da Silva e Mariana Jantsch de Souza, intitulado “Luta de classes, crise sanitária e dignidade humana: uma análise discursiva da desigualdade social estrutural materializada em discursos acerca da covid-19.” Cada parcela da sociedade significa, a partir de suas experiências concretas, as necessidades de proteção da vida e da saúde. É assim que os significantes trabalho e morte, por exemplo, revestem-se de interpretações distintas, consoante as formações discursivas em que se inscrevem.

Por fim, com o artigo: “A metáfora contra a metáfora: Materialidades da Comemoração de Direito” de Iago Moura, estamos diante de um texto apurado e instigante teórica e analiticamente. Das questões aos conceitos, que discute e (faz) move(r), das leituras empreendidas aos giros teóricos que elas suscitam ao autor e a nós leitores, do recorte, em um diverso e heterogêneo arquivo que diz respeito à discriminação LGBTQ+, aos finos movimentos de análise, somos levados a mergulhar na intrigante e contraditória discursividade da língua de madeira do Direito. Fazendo uso de uma das metáforas de que lança mão, diremos que também seu artigo é um trem posto em marcha sobre o qual é preciso fôlego para tomá-lo.

Diante dos textos aqui apresentados, esperamos que os leitores tenham um painel para reflexões acerca da Formação Inicial e Continuada de Professores, bem como a respeito das questões de Classes, Gênero e de Raça. Entendendo que, para além de um diálogo Interinstitucional e Internacional de cooperação acadêmica, buscamos aqui socializar a produção de conhecimento tornada possível a partir dessas ações de parceria.

Gesualda de Lourdes dos Santos Rasia

Maria Helena Araújo e Sá

Sweder Souza

Vanise Gomes Medeiros